

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Teologia

NEUCI LOPES DA SILVA

VIDE COR MEUM

O sofrimento humano e a santidade de um rei militante

Petrópolis

2021

NEUCI LOPES DA SILVA – R.A. 007201941022

VIDE COR MEUM

O sofrimento humano e a santidade de um rei militante

TCC apresentado ao Curso de Teologia da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador metodológico: Prof. Dr. Welder Lancieri Marchini

Orientador temático: Prof. Dr. Wesley Adriano Martins Dourado

Petrópolis

2021

RESUMO

O presente trabalho – tendo como base a análise da biografia do Rei Balduíno IV de Jerusalém, à luz da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, do Papa João Paulo II – tem como escopo explicar sobre o sofrimento em suas variadas dimensões (doença, dor e morte) como um itinerário para a santidade, ao invés de uma punição divina. Através de pesquisa bibliográfica, apresenta-se o sofrimento em três perspectivas: *bíblica*, *teológica*, e *ecclesial*. Inicialmente, aborda-se o sofrimento nas Sagradas Escrituras; a relação pecado/lepra e os sintomas da doença. Em seguida, expõe-se o pensamento teológico e o comportamento da sociedade medieval em relação à lepra; suas implicações no reinado de Balduíno IV e alguns dados biográficos. Na terceira parte, discorre-se sobre a atualidade do tema; o pensamento de teólogos recentes, salientando a mudança de mentalidade (de castigo a meio de salvação); a nova visão acerca do governo do rei. Indicam-se pistas para a ação pastoral visando levar esperança àqueles que sofrem. Embora preconceito e medo ainda persistam, uma nova postura manifestou-se ao longo dos séculos.

Palavras-chave: Idade Média. Balduíno IV. Salvação. Lepra. *Salvifici Doloris*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1 O REI E A DOENÇA DE NAAMÃ: O SOFRIMENTO DESDE AS SAGRADAS ESCRITURAS	05
1.1 SINTOMAS FÍSICOS E IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS DA DOENÇA	07
2 UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE UM DOENTE MEDIEVAL	07
3 ESPERANÇA: O SOFRIMENTO COMO ITINERÁRIO DE SALVAÇÃO	10
CONCLUSÃO	13
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	14

INTRODUÇÃO

*“Quem passou pela vida e não sofreu;
 Foi espectro de homem, não foi homem,
 Só passou pela vida, não viveu.”
 Francisco Otaviano*

O sofrimento é inseparável da existência humana e, de todas as suas formas, a doença é o tipo que causa as transformações mais tangíveis, sendo o leproso, há milênios, o sofredor por excelência. Por essa razão, refletindo sobre a relação história-transcendência, este *paper* se dedica ao tema do *sofrimento humano*, a partir de um doente medieval. Através de pesquisa bibliográfica, apresenta-se o sofrimento em três perspectivas: *bíblica*, enfocando o sofrimento desde as Escrituras; *teológica*, expondo o pensamento vigente no Medievo e suas implicações no reinado de Balduino IV de Jerusalém (o “Rei Leproso”); *eclesial*, salientando a mudança de mentalidade sobre o tema (de castigo a meio de salvação) e indicando pistas para a ação pastoral. A análise da biografia do rei, à luz da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, comprova que o sofrimento pode ser uma via para a santidade.

1 O REI E A DOENÇA DE NAAMÃ: O SOFRIMENTO DESDE AS SAGRADAS ESCRITURAS

As Sagradas Escrituras mostram um movimento pendular Castigo↔Salvação que caracteriza o relacionamento Sofredor↔Sociedade. No Antigo Testamento não há um termo específico para “sofrimento”, embora o expresse em sua intensidade. Há termos afins como doença, pena e angústia dificultando a distinção de sofrimento físico ou espiritual. Sofrer, do latim *sufferre* (sob ferros), designa quem estava acorrentado e submetido à dor contínua e intensa. A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* diz que para o Antigo Testamento o ser humano é um conjunto psicofísico, associando os sofrimentos morais à dor de determinadas partes do corpo (SD, 6). Não havendo contraste sofrimento físico/mental, seus autores não se ocuparam com a origem, mas com sua razão e sentido, assumindo que é um castigo pelos pecados. Gênesis já estabelece a misteriosa relação: Adão e Eva (Gn 3); Caim (Gn 4) e Sodoma (Gn 19).

Em contrapartida, a imagem mítica da felicidade original é o *jardim do Éden*, do qual, por sua própria “culpa”, o ser humano foi expulso. Entretanto, a esperança de alcançar a felicidade (terra prometida), perpassa a história sagrada e chega até nós. O

salmista, por exemplo, não perde a fé e põe sua esperança em Deus (Sl 62,6)¹. Nesse mesmo misto de sofrimento/esperança, Balduino IV, entre 1178-79, enviou uma carta ao rei francês Luís VII, expondo sua preocupante condição de saúde e enfatizando a urgência da situação. Na correspondência, conhecida como *Ad gerenda regis negotia*, publicada por Cartellieri (1898, p. 32-33), o rei menciona a “doença de Naamã”.

Ser privado do uso dos membros do corpo é de pouca valia para alguém cujo ofício é governar. Se eu pudesse ser curado da doença de Naamã, me banharia sete vezes no Jordão, mas na época atual, não encontrei nenhum Eliseu que possa me curar. Não é idôneo que uma mão tão fraca quanto a minha deva manter o poder quando o medo da agressão Árabe pressiona diariamente a Cidade Santa e quando minha doença aumenta a ousadia do inimigo².

Jó, Naamã³ e os dez leprosos curados por Jesus têm em comum o mesmo sofrimento. A lepra⁴, morfeia, mal de Lázaro, *morbus fenicius*, elefantíase, entre outros nomes, é um estigma milenar, cujo surgimento não foi identificado com precisão. Descrições em papiros e algumas múmias encaixam-se no perfil clínico, indicando existência muito anterior à Era Cristã. Na Bíblia, a lepra não estava associada ao corpo, mas à alma (doença *moral*, castigo pela desobediência a Deus). Conexão perigosa que oferecia substrato para práticas eclesiais e sociais excludentes. Em Israel, a Lei previa a exclusão da comunidade, a segregação e proibia que se tocasse um leproso para não se tornar “impuro”, mas Marcos (1,40-45) apresenta Jesus e um leproso transgredindo a Lei. A historiografia demonstra que citações bíblicas, como Nm 12,8-10, contribuíram para a condenação dos doentes. Levítico 13-14 traz as leis sobre ela, mas levanta dúvidas acerca da lepra retratada: o texto não cita a presença de anestesia cutânea; seria curável em intervalos variados ou curtos (sete dias); incidiria em paredes, pedras e vestes – o que seguramente não ocorre.

No Novo Testamento, o sofrimento é tipificado pelo martírio e perseguição às primeiras comunidades cristãs e surge como um caminho vivencial para a descoberta de Deus. Entretanto, ninguém o personificou melhor do que Cristo. Jesus meditou sobre o sofrimento do seu povo e o assumiu no seu próprio ser, culminando com a

¹ Neste trabalho utiliza-se a Bíblia de Jerusalém.

² Saladino também teve uma dermatose. Bahā 'al-Dīn, um de seus biógrafos, o viu na planície de Acre atingido por furúnculos que o cobriam da cintura aos joelhos, de modo que não podia sentar-se, mas deitar-se de lado em sua tenda (GABRIELI, 1984, p. 102).

³ Além da lepra, Naamã (2Rs 5) e Balduino tinham em comum o fato de serem líderes bem-sucedidos em batalha na região dominada pelo conflito de Israel e Síria.

⁴ Aqui, o termo *lepra* é usado no contexto bíblico/medieval e *hanseníase*, quando da atual abordagem da doença. No Brasil, a Lei n. 9.010, de 29.03.1995, proíbe a utilização do termo *lepra* e derivados em documentos administrativos da União, minimizando o preconceito.

morte na cruz. Portanto, é teologicamente insustentável a vinculação do sofrimento ao pecado pessoal. A prática de Jesus, nem liberal, nem rigorista, abre novos horizontes para justos e pecadores, sadios e enfermos. Ele não condena nem justifica ninguém previamente. No episódio do cego de nascença, Jesus desautoriza toda uma tradição rabínica, assegurando que nem o cego, nem os seus pais pecaram (Jo 9,3). O mesmo Espírito que o conduzia ao isolamento no deserto o impelia à multidão dos sofredores animados de uma nova esperança (Lc 6,17-19). A dicotomia corporal/espiritual não cabe na missão salvífica de Cristo, pois ele é saúde/salvação, ao mesmo tempo. Porém, a singularidade do caso de Balduino IV é compreendida tendo-se em mente a condenação bíblica, como indica a obra de Pagani (2019). Logo, as Sagradas Escrituras além de narrarem à conduta de povos antigos com relação aos doentes, delinearam o comportamento que a população medieval consolidaria.

1.1 SINTOMAS FÍSICOS E IMPLICAÇÕES PSICOLÓGICAS DA DOENÇA

Variações no sistema imunológico fazem a doença se apresentar sob quatro formas: *Indeterminada*; *Tuberculóide*; *Virchowiana* ou *Dimorfa* (Balduino IV adquiriu a *Virchowiana*, mais agressiva). O período de incubação varia de dois a cinco anos, sua evolução é lenta e os sintomas explicam o medo da doença: manchas e dormência na pele, perda de sensibilidade térmica, dolorosa e tátil; rarefação de pelos e madarose; redução da sudorese; dores nos nervos dos membros inferiores; fraqueza muscular; halitose e rouquidão. Na fase avançada: desabamento da pirâmide nasal, paralisia e cegueira. O comprometimento neural gera atrofia da musculatura de mãos e pernas; e reabsorção óssea progressiva das falanges. Além do físico, afeta o campo psicológico. Eidt (2000) estudou sua repercussão na vida dos pacientes. Relata que a enfermidade aflorou no sentido de “doença maldita”, condenação por erros do doente ou família, causando medo, vergonha, revolta, desespero, depressão. Além de acompanhamento médico, é necessário o apoio psicológico, mas isso, no Medieval, seria impensável.

2 UM OLHAR CONTEMPORÂNEO SOBRE UM DOENTE MEDIEVAL

Propõe-se um olhar contemporâneo ao rei medieval e ao século XXI. As fontes primárias sobre Balduino IV revelam o sofrimento e as dificuldades ao longo de seu reinado, mas os oito séculos que nos distanciam desses fatos permitem a análise acurada do que seria governar em circunstância tão adversa. Ibn Jubayr (2011, p. 344) escreveu: “Este porco, o senhor de Acre a quem chamam rei, vive isolado e não é visto, pois Deus o afligiu com lepra. Deus não demorou a se vingar, pois a aflição se

apoderou dele em sua juventude, privando-o das alegrias de seu mundo”. E expôs a visão islâmica sobre o leproso: “Ele é miserável aqui, ‘mas o castigo do além é mais severo e mais duradouro’ [Corão XX, 127]”. O uso de *al-khinzir* “o porco” revela que o apodo era recorrente entre os muçulmanos do Levante.

O Papa Alexandre III (1159-1181) representa o pensamento teológico vigente no Medievo em relação à lepra. Em 1181, apelou a uma nova Cruzada na encíclica *Cor nostrum*, de 16 de janeiro, incluindo uma carta, *Cum orientalis terra*, dirigida à hierarquia eclesial (HOVEDEN, 1869, p. 255-259), expressando a preocupação com o Reino Latino e refletindo sua ambivalência em relação ao rei. Dizia que a Terra Santa estava sendo “pisada sob as incursões dos infiéis”, criticava o governo de Jerusalém pela falta de liderança e apontava a condição física do rei como *justo Dei judicio* (justo julgamento de Deus)⁵. Sua insistência na condenação da lepra escondia uma intenção específica: “ênfaticamente a responsabilidade da *Christianitas* do Ocidente” na defesa dos Lugares Santos (TESSERA, 2010, p. 377). Diplomáticamente, o papa sugeria que o rei não era culpado pela incapacidade de governar; a doença é que tornava isso inviável.

Embora abalasse a credibilidade da monarquia hierosolimitana, a visão do pontífice se justificava no contexto do final do século XII, quando um forte processo de centralização identificava *corpus regis* com *corpus regni*, como lugar de harmonia e perfeição, à semelhança divina (TESSERA, 2010, p. 376-377). Paradoxalmente, essa identificação era estranha no Reino de Jerusalém. No Oriente Latino, Balduíno e sua doença não eram considerados como uma ameaça ao reino (PEGG, 1990, p. 266). Tanto que sua coroação foi interpretada como anômala. Mas um “claro diagnóstico da lepra de Balduíno, antes de julho de 1174, teria mudado uma sucessão direta ao trono para outra mais complexa” (LAY, 1997, p. 327). Ele foi coroado e sua situação seria delicada: como monarca, seria vulnerável a críticas e incapaz de governar com estabilidade; em termos dinásticos, não perpetuaria a linhagem real: acreditava-se que o contato sexual transmitiria a lepra, mas a doença também o tornava estéril.

Presume-se que a lepra chegou à Europa quando o exército de Alexandre retornou da Ásia. Em 460 ergueu-se o primeiro leprosário europeu; em 583, o Concílio de Lyon estipulou regras profiláticas rigorosas; nos séculos VII e VIII era um problema social e no século XII, o isolamento foi reforçado. As narrativas sobre o sofrimento dos leprosos incluem afogamento em esgoto, condenação à fogueira e enterro em vida. Portanto, supostamente, a segregação foi a medida profilática mais branda. Uma

⁵ Em contrapartida, nos dois livros dedicados ao reinado de Balduíno IV, o arcebispo de Tiro não retrata negativamente o rei, nem menciona “a vontade divina”. Ele o chama apenas de *rex*. Seu tradutor é quem alterou o texto original, chamando-o de *rois mesiaux* “rei mesel”.

hipótese para o desterro é que, com o crescimento das cidades, a lepra se tornou epidêmica. Entre os séculos XI e XII, surge o cerimonial de confinamento dos leprosos declarando-os “mortos para o mundo”. Seguiam em procissão rumo à igreja, ao canto do *Libera me Domine*. Após a “missa de corpo presente”, como mortos, eram conduzidos para fora da cidade e informados de suas proibições: entrar em igrejas e comércios; lavar mãos e pertences em fonte ou água corrente; tocar nas pessoas.

Porém, a crença numa maldição, resultado de promiscuidade sexual ou desvio moral, alternava com a ideia de que os leprosos eram abençoados pela semelhança com o Cristo sofredor, sendo eleitos para cura e purificação. A partir dos anos 1100, a Igreja animou a piedade e a compaixão por eles. Simbolicamente, o leproso era objeto de sacrifício e caridade. Socialmente excluído, suscitava medo, mas era percebido como meio de salvação de quem se compadecia. Era rejeitado e eleito, trazendo em si o sofrimento purgativo dos pecados. Francisco de Assis, em seu processo de conversão, se dedicou a cuidar de leprosos. Nessa época, religião e medicina se aproximaram e esta legou os principais elementos da descrição clínica sobre a lepra. Mosteiros acolhiam os doentes em suas enfermarias, aos cuidados dos religiosos.

O Terceiro Concílio de Latrão, convocado pelo Papa Alexandre III, em 1179, inovou no tocante aos leprosos. Talvez por influência do arcebispo Guilherme de Tiro (chanceler do rei), dentre os 27 cânones estabelecidos, o cânon 23 se refira a sua sorte. Ele determinou que os leprosos, “de acordo com a caridade apostólica”, fossem reunidos “sob um modo de vida comum” podendo “estabelecer uma igreja para si com um cemitério e se alegrar com seu próprio padre” e não seriam mais “obrigados a pagar o dízimo por suas hortas e pasto de animais” (TANNER, 1990, p. 222-223). Tais medidas reforçavam o isolamento, acentuando a exclusão à qual estavam submetidos. Este concílio não introduziu o processo de segregação, ele simplesmente o assumiu.

No contexto das Cruzadas, surgiram as ordens hospitalares de cavalaria, como a Ordem de São João de Jerusalém (Hospitalários), para cuidar da saúde e segurança dos peregrinos na Terra Santa. Ela possuía propriedades em Jerusalém e Acre muito antes de se tornar uma Ordem Militar⁶. Outra Ordem, a de São Lázaro, fundada por volta de 1120, mantinha um hospital fora da muralha norte de Jerusalém dedicado aos cavaleiros e demais leprosos. A Regra dos Templários e o *Livre au Roi*⁷ mostram que os Cavaleiros de São Lázaro haviam se tornado uma ordem de combate, atestando que muitos cruzados estavam contraindo a dermatose na Palestina.

⁶ Anterior aos Templários, sua origem remonta ao início do século VII, por desejo do Papa Gregório Magno, como instituição de amparo aos peregrinos latinos.

⁷ Do final do século XII, refere-se à nobreza e ao feudo. Mais antiga coletânea de leis do Reino Cruzado, registra o estatuto do cavaleiro e dos sargentos doentes recrutados em base feudal.

Nesse cenário se desenvolve a saga de Balduíno IV. Nascido em 1161, em Jaffa (ou em Ascalon), era filho do rei Amaury e Inês de Courtenay. Irmão de Sibila d'Anjou, tio de Balduíno V e meio-irmão de Isabel de Jerusalém. De raciocínio rápido e fala lenta, era um belo menino, parecido com seu pai, inclusive no andar e no tom de voz. Na infância, surgiram os primeiros sintomas da lepra. Em 15 de julho de 1174, foi coroado rei de Jerusalém. Em 1177, liderou o exército na vitória contra Saladino, na Batalha de Montgisard. Controlava o cavalo apenas com os joelhos, tendo o braço esquerdo livre para empunhar uma arma. Mesmo no estágio avançado da doença, percorria quilômetros para sitiar as tropas inimigas e obrigá-las à rendição. Quando não pôde mais cavalgar, foi transportado em liteira para o campo de batalha. Em 1183, muito debilitado, fez um esforço sobre-humano para disfarçar a doença e exercer seus encargos. Morreu em 16 de março de 1185.

Guilherme de Tiro ressalta a sabedoria, a resistência e a coragem do rei, documentando uma dignidade que ultrapassa os limites da funcionalidade e eficiência. Grousset (2006, p. 580-581) afirma que seu reinado foi enrijecido “pelo sentimento de dignidade real, do dever cristão e das responsabilidades da coroa nessas horas trágicas em que o drama do rei correspondia ao drama do reino”; uma longa agonia, mas “uma agonia a cavalo, face ao inimigo”. Como encontrar santidade num cruzado tão combativo? Olhando para o seu coração (*vide cor meum*).

3 ESPERANÇA: O SOFRIMENTO COMO ITINERÁRIO DE SALVAÇÃO

Considerando-se *coração* sinônimo de *vida*, surge outra questão: O sofrimento é, de fato, o *justo juízo de Deus* (Papa Alexandre III) ou caminho para a Redenção (Papa João Paulo II)? A biografia do Rei Balduíno IV, lida à luz da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, situa o sofrimento num mistério que toca as condições humana e divina, sobretudo na contemplação do mistério do Verbo Encarnado. Ela permite uma antropologia transcendental, abrindo possibilidades históricas de o ser humano se tornar *locus theologicus* e conduz ao complexo terreno do *sofrimento inocente*. Bingemer (2009, p. 234), ressalta que se “o mal moral, o pecado, aponta para um responsável culpado, por outro lado, o sofrimento faz vítimas muitas vezes inocentes” (sem consciência das causas e objetivos). Pecado e sofrimento diferem. Talvez a *esperança* – não de cura milagrosa, mas de provar que sua vida tinha valor⁸ e propósito – movesse o rei à santidade. Ser santo não é ser perfeito, mas viver

⁸ Após a morte, suas qualidades foram reconhecidas entre seus inimigos. ‘Imād al-Dīn al-Iṣfahānī, historiador e conselheiro de Saladino, escreveu que esse jovem leproso fez respeitar sua autoridade ao modo dos grandes príncipes como Davi ou Salomão.

reconciliado com a própria humanidade. A esperança da vida e da santidade eternas é “consequência da obra salvífica de Cristo” (SD, 15).

Na atualidade, a hanseníase continua temida e o comportamento do bacilo de Hansen ainda inviabiliza a produção de uma vacina⁹. Índia e Brasil, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, têm o maior número de casos. Portanto, mesmo não sendo castigo divino, o sofrimento segue um tema relevante, “algo mais amplo e mais complexo do que a doença” e “enraizado na própria humanidade”, o ser humano sofre de muitas formas, nem sempre consideradas pela medicina “nem sequer pelos seus ramos mais avançados” (SD, 5). Em 1984, o Papa João Paulo II retomou a questão. Inserida no contexto do Jubileu Extraordinário da Redenção, *Salvifici Doloris*, se dedica ao mistério que excede a compreensão humana. Mediante ele o ser humano *amadurece* para Deus envolvido “pelo mistério da Redenção de Cristo” (SD, 21).

Gago, leproso, órfão de pai, isolado da sociedade e duramente criticado. Sofrimentos não faltaram ao jovem monarca medieval. Nessa perspectiva, sua doença, dor e morte são interpretadas como itinerário de salvação e cruz (Lc 9,23). Tanquerey (2014, p. 134) alega que: “encontramos em nossa esperança, em nossa confiança em Deus, as convicções e as graças necessárias para aceitar nossas cruzes”. Insônia, febre, calafrios e transtornos gastrointestinais precedem a morte do hanseniano sem tratamento. Mesmo assim, dias antes de morrer, o rei reuniu a corte e cuidou de sua sucessão. Hamilton (2000, p. 210) escreve que “poucos governantes permaneceram como chefes de Estado quando incapacitados por tais deficiências físicas graves ou se sacrificaram mais totalmente às necessidades de seu povo”. João Paulo II contraria a visão de Alexandre III afirmando que “não é verdade que todo o sofrimento seja consequência da culpa e tenha caráter de castigo” (SD, 11). É ele “que abre caminho à graça que transforma as almas humanas” (SD, 27).

Além do papa, outros teólogos refletiram sobre o assunto. Rahner (2011, p. 38) diz que, por vezes, a intensidade do sofrimento é tão grande e destruidora que o ser humano “acaba vencido e destruído, podendo até descer muitas vezes ao nível mais baixo da condição humana, tornando-se imbecil ou mau”. *Deus lo vult* (Deus o quer). Será? O grito dos Cruzados, nos campos de batalha, ecoa como uma indagação na obra de François Varone (1988): seria Deus um sádico que ama o sofrimento? Fraqueza e sofrimento evidenciam a pequenez humana revelando um paradoxo: destinado a uma vida em plenitude e perene, o ser humano só a atinge através de aflição e morte. Assim, a finitude pode ser ocasião de teodiceia, ao se questionar por

⁹ Toledo-Pinto (2016), com outros pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz, descobriu como o bacilo da hanseníase “ilude” o sistema imunológico humano.

que Deus bom e todo-poderoso permite o fenecimento de suas criaturas. Para Varone (1988, p. 15-16), “antes de ser uma mensagem, o cristianismo é uma experiência de salvação; portanto, deve necessariamente integrar em si todos os aspectos da existência humana, em particular o sofrimento e a morte”. O sofrimento de Cristo atingiu a raiz do mal. Por isso, quem sofre pode se abrir à ação salvífica, que transforma a dor em sacrifício de amor por algo ou alguém. Benz (1995, p. 177), frisa que no cristianismo, a ideia de sofrimento está ligada à imitação de Cristo, sendo “um elemento imprescindível no grande drama da liberdade, que se identifica com o drama da redenção”. Moltmann (2002, p. 12-13) reforça essa teoria: “Quando li o grito de Jesus ao morrer: ‘Meu Deus, por que me abandonaste?’, soube com certeza: está ali o único que me compreende” e acrescenta que o Cristo atribulado “leva consigo os cativos em seu caminho para a ressurreição. Recobrei o ânimo de viver. Fui tomado de uma grande esperança”. Schwienhorst-Schönberger (2011, p. 248) diz que “tudo foi tirado de Jó e ele, entre dores, tudo deixou”; no final, “tudo o que ele desejava era contemplar a Deus”. Deduz-se que a razão, somente, não responde o *porquê* e o *para quê* do sofrimento. Grün (2007, p. 42) explica que o próprio Jesus nada disse sobre essas questões. “Sua resposta é existencial. Ele mesmo suportou o sofrimento e, assim, deu-lhe um novo sentido”. Rech (1998, p. 137) afiança: “Deus vai se revelando e revelando sua vontade no emaranhado da vida, nos acontecimentos da história”.

A historiografia também acompanha a mudança na abordagem do governo e sofrimento de Balduino IV. Lay (1997, p. 317) assevera que ele “foi um dos monarcas mais surpreendentes da história”. Hamilton (2000) contraria a visão de que seu reinado tenha sido um período de declínio quando, devido à doença, o poder passou às mãos de homens inadequados que tomaram decisões políticas erradas. Ele argumenta que a paz com Saladino não era uma opção viável para os francos e que, apesar da doença, o rei era excelente líder em batalha, obtendo sucesso em frustrar as ambições do oponente. Asbridge (2020, p. 301-302) nota que, nos últimos anos, sua reputação foi rejuvenescida com ênfase “no fardo que ele carregava devido à deterioração da saúde, na relativa vitalidade de seu reinado inicial e em seus esforços determinados tanto para defender o reino quanto para encontrar um sucessor viável”.

Bom Samaritano é “todo *aquele que presta ajuda no sofrimento*, seja qual for a sua espécie; uma ajuda, quanto possível, eficaz” (SD, 28). Cabe a cada indivíduo e à Igreja, enquanto instituição, dar sua parcela de contribuição para a mitigação do sofrimento humano. Espécie de conclusão lógica, a perspectiva pastoral está implícita em todo discurso teológico coerente, visando uma prática transformadora da realidade. Ela pode ajudar a resgatar a humanidade de quem sofre, sendo instrumento

de esperança de dias melhores, anúncio de boa-nova e de misericórdia. Deve-se estabelecer uma estratégia que auxilie efetivamente quem sofre e busca ajuda. Nesse sentido, o trabalho pastoral pode ser desenvolvido em quatro etapas: *acolhida* (receber o sofredor); *esclarecimento* (tirar dúvidas sobre seu problema); *orientação* (indicar ajuda especializada) e *animação* (incentivar o afinco na busca e tratamento para seu mal). A pastoral deve ir ao encontro dos sofredores, estando disposta a dar uma palavra de alento, mas principalmente realizar uma escuta atenta de suas dores. Hoje, há meios disponíveis para esse fim.

CONCLUSÃO

Nas Sagradas Escrituras o sofrimento se faz presente e de todas as suas formas, a lepra/hanseníase talvez tenha sido uma das mais temidas e condenadas. Os textos bíblicos esboçaram o comportamento que a Idade Média consolidaria, reforçando preconceitos e exclusão. As sociedades coordenam suas ações conforme a mentalidade vigente e uma vez que o indivíduo é produto de seu meio, a postura do Papa Alexandre III era coerente com sua época.

Balduíno IV entrou para a história como o “Rei Leproso” e por séculos foi alvo de críticas e desprezo. Todavia, sua biografia, lida sob uma nova ótica, demonstra que a debilidade física não anula o ser ou o exime da salvação. O caminho da santidade é construído no cotidiano, através das virtudes que iluminam o caminho rumo ao coração de Deus. Para o rei de Jerusalém, o presente era o lugar do recomeço diário; o futuro, a morada da esperança. De fato, sua resiliência e paciência exigiam uma energia transcendente, servindo como paradigma para os sofredores atuais.

No século XXI, o sofrimento ainda é um mistério, mas a pastoral pode ajudar o sofredor a encontrar um sentido para a vida e a continuar crendo, mesmo quando sua existência aparentemente não tenha sentido e as dúvidas se sobreponham à fé.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASBRIDGE, Thomas. **The Crusades: The War for the Holy Land**. London: Simon & Schuster Ltd., 2020.

BENZ, Ernst. **Descrição do cristianismo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucheti. O Deus desarmado. A Teologia da Cruz de J. Moltmann e seu impacto na Teologia Católica. **Estudos de Religião**. V. 23, n. 36, jan./jun. 2009. pp. 230-248.

BRASIL. Lei nº 9.010, de 29 de março de 1995. Dispõe sobre a terminologia oficial relativa à hanseníase e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9010.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%209.010%2C%20DE%2029,eu%20sanciono%20a%20seguite%20Lei%3A&text=4%C2%BA%20Esta%20Lei%20entra%20em%20vigor%20na%20data%20de%20sua%20publica%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 15 out. 2021.

CARTELLIERI, Alexander. **Ein Donaueschinger Briefsteller: Lateinische Stilübungen des XII Jahrhunderts aus der orleanischen Schule**. Innsbruck: Wagner, 1898.

EIDT, Leticia Maria. **O mundo da vida do ser hanseniano: sentimentos e vivências**. 2000, 252 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2000.

GABRIELI, Francesco. **Arab Historians of the Crusades**. Los Angelis: University of California Press, 1984.

GROUSSET, René. **Histoire des croisades et du royaume franc de Jérusalem**. II. 1131-1187: l'équilibre. Paris: Perrin, 2006. (Tempus; 152).

GRÜN, Anselm. **O que fiz para merecer isto? A incompreensível justiça de Deus**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HAMILTON, Bernard. **The Leper King and His Heirs: Baldwin IV and the Crusader Kingdom of Jerusalem**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HOVEDEN, Roger de. **Chronica magistri Rogeri de Houedene**. Vol. 2. Edited by William Stubbs. London: Longmans, Green, and Co., 1869.

IBN JUBAYR, Muḥammad ibn Aḥmad. **The travels of Ibn Jubayr**. Translated from the original Arabic by Roland Broadhurst. New Delhi: Goodword Books, 2011.

JOÃO PAULO II, Papa. **O sentido cristão do sofrimento humano**. Carta apostólica *Salvifici doloris*. São Paulo: Paulinas, 1984. (A voz do Papa; 104).

LAY, Stephen. A leper in purple: the coronation of Baldwin IV of Jerusalem. **Journal of Medieval History**. V. 23, n. 4, 1997. pp. 317-334.

MOLTMANN, Jürgen. **A fonte da vida: o Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola, 2002.

PAGANI, Ilaria. **Baldovino IV di Gerusalemme**. Il re lebbroso. Perugia: Graphe.it, 2019. (I Condottieri)

PEGG, Mark Gregory. Le corps et l'autorité: la lèpre de Baudouin IV. **Annales. Economies, sociétés, civilisations**. V. 45, n. 2, 1990. pp. 265-287.

RAHNER, Karl. **Por que razão nos deixa Deus sofrer?**. Braga: Editorial Franciscana, 2011.

RECH, Helena Teresinha. **As duas faces de uma única paixão**: experiência cristã de Deus. São Paulo: Paulinas, 1998. (Perspectiva; 2).

SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. **Um caminho através do sofrimento**: o livro de Jó. São Paulo: Paulinas, 2011. (Cultura bíblica).

TANNER, Norman P. **Decrees of the Ecumenical Councils**: Volume One. Nicaea I to Lateran V. London: Sheed & Ward; Washington DC: Georgetown University Press, 1990.

TANQUEREY, Adolphe. **A divinização do sofrimento**. São Paulo: Cultor de Livros, 2014.

TESSERA, Miriam Rita. **Orientalis Ecclesia**. Papato, Chiesa e regno latino di Gerusalemme (1099-1187). Milano: Vita e Pensiero, 2010. (Bibliotheca erudita; 32).

TOLEDO-PINTO, T. et al. STING-Dependent 2'-5' Oligoadenylate Synthetase-Like Production Is Required for Intracellular *Mycobacterium leprae* Survival. **The Journal of Infectious Diseases**. V. 214, n. 2, 15 July 2016. pp. 311-320.

VARONE, François. **El dios "sádico"**. ¿Ama Dios el sufrimiento?. Santander: Sal Terrae, 1988. (Presencia Teologica; 42).